

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ALINE FERREIRA LIMA

**DESAFIOS LINGUÍSTICOS E INTEGRAÇÃO ACADÊMICA NO
DESEMPENHO DE ESTUDANTES EM MOBILIDADE
INTERNACIONAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA**

UBERLÂNDIA (MG)

2025

ALINE FERREIRA LIMA

**DESAFIOS LINGUÍSTICOS E INTEGRAÇÃO ACADÊMICA NO
DESEMPENHO DE ESTUDANTES EM MOBILIDADE
INTERNACIONAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marli Cardoso dos Santos Carrijo

UBERLÂNDIA (MG)
2025

ALINE FERREIRA LIMA

DESAFIOS LINGUÍSTICOS E INTEGRAÇÃO ACADÊMICA NO
DESEMPENHO DE ESTUDANTES EM MOBILIDADE
INTERNACIONAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA

Uberlândia, 07 de maio de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 MARLI CARDOSO DOS SANTOS CARRIJO
Data: 09/05/2025 14:47:28-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Prof.^a Dr^a. Marli Cardoso dos Santos Carrijo (UFU)
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 ALESSANDRA MONTERA ROTTA
Data: 09/05/2025 15:01:17-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Prof.^a. Dr^a. Alessandra Montera Rotta (UFU)

Documento assinado digitalmente
 ARIEL NOVODVORSKI
Data: 12/05/2025 23:38:28-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Prof. Dr. Ariel Novodvorski (UFU)

AGRADECIMENTOS

Sou grata ao Universo por sua vastidão silenciosa, pela sabedoria que sussurra nas pausas e pela lembrança constante de que o conhecimento é um oceano sem fim. Foi nele que mergulhei com coragem, mesmo sem saber nadar direito no começo, confiando que cada passo, cada linha e cada dúvida faziam parte do caminho.

A Universidade Federal de Uberlândia não foi apenas um espaço de formação acadêmica — tornou-se território de descoberta, amadurecimento e transformação. Cada corredor percorrido, sala frequentada e livro lido com olhos cansados e coração inquieto agora compõem parte essencial de quem me tornei.

Minha mãe, fonte de vida e força. Sua coragem silenciosa sustentou os alicerces deste trajeto.

João Paulo, meu companheiro, seguiu comigo com amor, presença e fé, mesmo quando a minha própria vacilava. Sua confiança me deu chão.

A querida Lorena Raine, com palavras certeiras e entusiasmo genuíno, me incentivou a seguir — sua energia foi combustível em muitas fases silenciosas.

À professora Dra. Alessandra Montera Rotta, que me guiou pelos primeiros caminhos no universo do Português como Língua Estrangeira, devo o encantamento por uma nova e apaixonante perspectiva dentro do curso de Letras Francês. Sua generosidade ampliou horizontes e abriu portas que nem eu sabia que existiam.

Minha orientadora, a professora Dra. Marli Cardoso dos Santos Carrijo, esteve presente em cada etapa com escuta atenta, paciência e observações sempre precisas. Conduziu este trabalho com sensibilidade e rigor, oferecendo não apenas orientação acadêmica, mas também gestos de cuidado — acolhendo dúvidas e sustentando caminhos mesmo nos dias mais nebulosos.

Agradeço ao professor Dr. Ariel Novodvorski por aceitar o convite para banca examinadora. Tenho certeza que como profundo convededor do tema, fará valorosas contribuições para esta pesquisa.

Aos que estiveram nos bastidores — com silêncio, com escuta, com abraço ou presença — saibam que suas forças, ainda que discretas, ecoam em cada página. Nenhum saber floresce sozinho, e por mais solitário que esse percurso possa parecer, ele é feito, sempre, de encontros.

Obrigada por caminharem ao meu lado.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. A Língua Portuguesa como Elemento Estruturante da Experiência Acadêmica de Estudantes Estrangeiros.....	9
3. Aprendizagem de PLE (Português Língua Estrangeira) vs. PLM (Português Língua Materna) : Desafios Metodológicos e a Necessidade de Abordagens Diferenciadas.....	12
4. Análise de Dados do questionário: Desafios Linguísticos e Integração Acadêmica na UFU.....	14
5. Resultados.....	16
6. Considerações Finais.....	17
7. Referências.....	19
Anexos	

Resumo

Este trabalho analisa os impactos da falta de exigência de certificação formal em língua portuguesa no desempenho acadêmico e na integração cultural de estudantes estrangeiros em universidades brasileiras, com foco na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A pesquisa parte do contexto da crescente internacionalização do ensino superior no Brasil e da ausência histórica de políticas institucionais consolidadas para o suporte ao Português como Língua Estrangeira (PLE). O estudo evidencia que a ausência de certificação prévia resulta em desafios acadêmicos, como dificuldades na compreensão de aulas e na produção de trabalhos, além de barreiras na socialização e imersão cultural, refletindo-se em baixo rendimento e, em alguns casos, evasão universitária. Em 2024, a UFU aderiu ao PEC-PLE (Programa Estudante Convênio – Português Língua Estrangeira), iniciativa vinculada ao PEC-G e modernizada pela Portaria Interministerial nº 7/2024, que completa 60 anos em 2025. O programa oferece um curso preparatório gratuito de português e cultura brasileira, com carga horária de 640 horas ao longo de 10 meses, para que estudantes estrangeiros obtenham o CELPE-BRAS, certificação importante para ingressar na graduação. Nesse sentido, esta pesquisa propõe uma análise comparativa do desempenho acadêmico desses estudantes, utilizando revisão documental, entrevistas semiestruturadas e questionários aplicados a alunos, professores e gestores. Fundamentado em referenciais teóricos sobre internacionalização do ensino superior (Knight, 2015), políticas linguísticas (Spolsky, 2004) e aculturação (Berry, 1997), o estudo questiona a eficácia do programa na mitigação das dificuldades enfrentadas por esses alunos. Resultados preliminares sugerem que a imersão linguística prévia no PEC-PLE, aliada à exigência do CELPE-BRAS, melhora a adaptação acadêmica e social. Entretanto, persistem desafios, como a necessidade de cursos contínuos de PLE durante a graduação, abordagem de aspectos socioculturais (regionalismos, gírias) e suporte pedagógico personalizado para disciplinas técnicas. O estudo reforça a centralidade da língua na atração e retenção de estudantes estrangeiros, oferecendo subsídios para políticas educacionais alinhadas a padrões globais de acolhimento.

Palavras-chave: Internacionalização do ensino superior; Proficiência em português; Integração cultural; Políticas linguísticas.

Résumé

Ce travail analyse les impacts de l'absence d'exigence de certification formelle en langue portugaise sur la performance académique et l'intégration culturelle des étudiants étrangers dans les universités brésiliennes, en se concentrant sur l'Université Fédérale d'Uberlândia (UFU). La recherche part du contexte de l'internationalisation croissante de l'enseignement supérieur au Brésil et de l'absence historique de politiques institutionnelles consolidées pour le soutien au portugais comme langue étrangère (PLE). L'étude met en évidence que l'absence de certification préalable entraîne des défis académiques, tels que des difficultés à comprendre les cours et à produire des travaux, ainsi que des obstacles à la socialisation et à l'immersion culturelle, se traduisant par de faibles résultats scolaires et, dans certains cas, par l'abandon universitaire. En 2024, l'UFU a adhéré au PEC-PLE (Programme Étudiant-Convention – Portugais Langue Étrangère), une initiative liée au PEC-G et modernisée par l'Ordonnance interministérielle n° 7/2024, qui célèbre ses 60 ans en 2025. Le programme propose un cours préparatoire gratuit de portugais et de culture brésilienne, d'une durée de 640 heures sur 10 mois, afin que les étudiants étrangers puissent obtenir le CELPE-BRAS, une certification importante pour l'entrée en licence. Dans ce contexte, cette recherche propose une analyse comparative de la performance académique de ces étudiants, en utilisant une analyse documentaire, des entretiens semi-structurés et des questionnaires appliqués à des étudiants, des enseignants et des gestionnaires. Fondée sur des références théoriques concernant l'internationalisation de l'enseignement supérieur (Knight, 2015), les politiques linguistiques (Spolsky, 2004) et le processus d'acculturation (Berry, 1997), l'étude interroge l'efficacité du programme dans l'atténuation des difficultés rencontrées par ces étudiants. Les résultats préliminaires suggèrent que l'immersion linguistique préalable dans le cadre du PEC-PLE, combinée à l'exigence du CELPE-BRAS, améliore l'adaptation académique et sociale. Cependant, des défis persistent, comme la nécessité de cours de PLE tout au long de la formation universitaire, l'approche des aspects socioculturels (régionalismes, argot) et un accompagnement pédagogique personnalisé dans les disciplines techniques. L'étude renforce l'idée que la langue joue un rôle central dans l'attraction et la rétention des étudiants étrangers, en apportant des éléments pour l'élaboration de politiques éducatives alignées sur les standards mondiaux d'accueil.

Mots clés: internationalisation de l'enseignement supérieur ; compétence en portugais ; intégration culturelle ; politiques linguistiques.

1. Introdução

A internacionalização do ensino superior é um fenômeno global irreversível, impulsionado por políticas de cooperação acadêmica, mobilidade estudantil e busca por excelência educacional. No Brasil, esse movimento ganhou força nas últimas décadas, com universidades públicas e privadas ampliando parcerias internacionais e recebendo um fluxo crescente de estudantes estrangeiros. Contudo, a consolidação desse processo esbarra em desafios estruturais, entre os quais se destaca a barreira linguística, frequentemente negligenciada em políticas institucionais. A língua portuguesa, embora seja o idioma oficial de ensino, nem sempre é tratada como um requisito fundamental para o ingresso e a permanência de estudantes internacionais, gerando impactos profundos em seu desempenho acadêmico e integração sociocultural.

A ausência de exigência de certificação formal de proficiência em português para estudantes estrangeiros nas universidades brasileiras cria um cenário de vulnerabilidade. Em grande parte das instituições, não há exigência de comprovação do domínio do idioma no momento da matrícula, delegando ao estudante a responsabilidade de adaptação linguística após sua chegada. Essa lacuna política, somada à oferta irregular de cursos de Português como Língua Estrangeira (PLE), resulta em dificuldades que transcendem a sala de aula, afetando desde a compreensão de conteúdos disciplinares até a construção de redes sociais e afetivas. Nesse contexto, a responsabilidade pela integração linguística é, muitas vezes, transferida também para segmentos que se solidarizam e acolhem, como o ILEEL (Instituto de Letras e Linguística – UFU), que atua no apoio a esses estudantes por meio de iniciativas institucionais ou voluntárias.

Na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), os desafios históricos de suporte linguístico a estudantes internacionais, que até 2018, limitavam-se a iniciativas esporádicas de aulas de Português como Língua Estrangeira (PLE), muitas vezes com o auxílio de alunos voluntários, tiveram uma pequena mudança com a criação do Programa de Formação para Internacionalização (ProInt) em 2018 e sua parceria com o Idiomas sem Fronteiras (IsF). A partir de 2019, o ProInt estruturou cursos semestrais de PLE, ministrados por estudantes do Curso de Letras, enquanto o IsF expandiu seu papel com cursos de inglês e workshops preparatórios para exames de proficiência, adaptando-se ao formato online durante a pandemia para manter o apoio contínuo.

Essas iniciativas contribuíram de forma importante para que alunos em mobilidade pudessem ter alguma base do Português, contudo, a ausência de programas contínuos ou avaliações de proficiência prévias reforçava as dificuldades enfrentadas por esses estudantes. A adesão da UFU ao PEC-PLE (Programa Estudante Convênio – Português Língua Estrangeira), em 2024, com início das aulas em 2025 — vinculado ao PEC-G e reformulado pela Portaria Interministerial nº 7/2024, que celebra 60 anos em 2025 — marca um avanço na política linguística institucional. O programa oferece um curso preparatório gratuito de 640 horas, ao longo de 10 meses, com o objetivo de preparar estudantes estrangeiros para obter o exame CELPE-BRAS (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para estrangeiros),

requisito obrigatório para o ingresso nos programas PEC-G e PEC-PG¹. Embora ainda sejam poucos os estudantes estrangeiros que se inscrevem no PEC-PLE antes de virem ao Brasil, sua implementação já representa um ponto de inflexão na forma como se pensa a preparação linguística desses alunos.

Diante desse cenário, esta pesquisa busca analisar como a falta de certificação em língua portuguesa, no momento de ingresso dos cursos de Graduação ou Pós-graduação, impacta no desempenho acadêmico e na integração cultural de estudantes estrangeiros na UFU. Além disso, investiga-se em que medida a implementação do PEC-PLE poderá mitigar essas dificuldades, garantindo um ano de imersão linguística e cultural *antes* do ingresso na graduação, e contribuir para a construção de um ambiente acadêmico mais inclusivo e equitativo para estudantes internacionais.

Para alcançar esses objetivos, este estudo adota uma abordagem mista, combinando análise documental de editais e diretrizes institucionais, entrevistas semiestruturadas com estudantes estrangeiros e professores, além da aplicação de questionários a estudantes estrangeiros e professores de PLE. Teoricamente, a pesquisa dialoga com autores como Knight (2015) sobre internacionalização do ensino superior, Spolsky (2004) no que tange às políticas linguísticas e Berry (1997) no que se refere aos processos de aculturação².

A relevância desta investigação reside no fato de que a proficiência linguística não apenas impacta o desempenho acadêmico dos estudantes estrangeiros, mas também influencia em sua capacidade de adaptação social e cultural.

2. A Língua Portuguesa como Elemento Estruturante da Experiência Acadêmica de Estudantes Estrangeiros

A proficiência na língua do país de acolhida é um dos fatores determinantes para o êxito acadêmico e social de estudantes estrangeiros. No contexto brasileiro, onde o português é a língua oficial de ensino, a ausência de certificação linguística obrigatória antes do ingresso na graduação tem gerado obstáculos significativos para a integração desses alunos. A experiência universitária vai além do domínio técnico das disciplinas; ela exige capacidade de argumentação, leitura crítica e produção acadêmica – habilidades que dependem de um domínio consolidado da língua.

Em muitos países, o certificado de proficiência na língua alvo de estudos é exigido e os estudantes precisam se preparar previamente antes de iniciar a mobilidade internacional. Na França, por exemplo, diversas universidades exigem os diplomas Delf B1 ou Delf B2³, e essa certificação é exigida juntamente com a documentação de ingresso no programa da Instituição.

No Brasil, o cenário é diferente. O Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para

¹ PEC-G e PEC-PG referem-se a programas de estudantes estrangeiros na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), voltados à graduação e à pós-graduação, respectivamente, no âmbito dos Programas de Estudantes-Convênio promovidos pelo MRE e MEC.

² Segundo Berry (1997), a aculturação refere-se às mudanças psicológicas e culturais resultantes do contato contínuo entre grupos ou indivíduos de diferentes culturas.

³ DELF (Diplôme d'Études en Langue Française)

Estrangeiros (CELPE-BRAS) é exigido, na maioria das vezes, no decorrer do curso no qual o aluno está matriculado. Os programas PEC-G e PEC-PG recebem os estudantes de diversos países, mas a maioria deles não tem nem o nível básico da língua portuguesa quando chegam ao Brasil. Nesse sentido, embora a internacionalização do ensino superior seja uma realidade em expansão no Brasil, as universidades ainda enfrentam dificuldades para garantir que a barreira linguística não se torne um fator de exclusão. A maioria dos estudantes estrangeiros que ingressam nas instituições brasileiras precisa lidar com um processo de adaptação que envolve não apenas o aprendizado do idioma, mas também a familiarização com diferentes registros de fala, vocabulário técnico e normas acadêmicas específicas. A ausência de um suporte institucional estruturado nesse aspecto compromete a equidade de oportunidades dentro da universidade.

A falta de certificação em língua portuguesa como requisito prévio cria um efeito dominó sobre o percurso acadêmico dos estudantes estrangeiros. Sem um nível adequado de proficiência, muitos alunos enfrentam dificuldades para compreender aulas expositivas, interpretar textos acadêmicos e participar de discussões em sala. Essa lacuna também se reflete na produção escrita, que exige não apenas o domínio gramatical, mas também o conhecimento de normas científicas e padrões argumentativos típicos do ambiente acadêmico.

Estudos sobre o ensino de PLE indicam que a proficiência em um idioma está diretamente relacionada ao sucesso acadêmico (ALMEIDA FILHO, 2005; SPOLSKY, 2004). Como apontam pesquisas voltadas ao ensino do português para imigrantes e refugiados, o idioma não deve ser entendido apenas como ferramenta comunicativa, mas como um elemento central de inclusão, pertencimento e construção identitária no novo contexto sociocultural (CESTARI; GRILLO, 2016). A ausência dessa proficiência, conforme evidenciam esses autores, pode gerar processos de isolamento, dificultar a adaptação do estudante e limitar seu acesso a oportunidades acadêmicas, sociais e profissionais.

A adaptação de estudantes estrangeiros em universidades brasileiras também depende da compreensão de expressões idiomáticas, gírias e variações regionais do português. O domínio dessas particularidades da língua facilita a interação social e permite que o estudante participe mais ativamente da vida universitária. No entanto, sem um programa institucionalizado de ensino contínuo da língua, os alunos acabam dependendo exclusivamente de sua imersão espontânea no cotidiano acadêmico, o que nem sempre é suficiente para garantir seu aprendizado adequado.

Um exemplo emblemático dessa realidade ocorreu na própria Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com estudantes oriundos do Timor Leste. Embora o português seja, oficialmente, uma das línguas nacionais daquele país, a maioria da população tem o tétum como idioma predominante — o que incluía os estudantes que ingressaram na UFU antes da pandemia da covid-19. Apesar de frequentarem todos os cursos de PLE oferecidos por estagiários e voluntários, muitos enfrentaram dificuldades severas para acompanhar as aulas nos cursos de graduação. Em diversos casos, a barreira linguística comprometeu o aproveitamento acadêmico, resultando em reprovações sucessivas mesmo diante de um alto grau de comprometimento e esforço pessoal. Ainda que se trate de uma situação

específica, ela revela com clareza a urgência de um curso de PLE estruturado e permanente, capaz de oferecer o suporte necessário desde o início da trajetória universitária desses estudantes e garantir condições mínimas de equidade acadêmica e inclusão linguística.

Nesse contexto, iniciativas institucionais como os programas PEC-PLE, (já mencionado anteriormente), Idiomas sem Fronteiras (ISF) e o Programa de Internacionalização (PROINT) desempenham papel importante. O ISF foi criado com o objetivo de fomentar o ensino de línguas nas universidades federais, capacitando estudantes e servidores para a internacionalização acadêmica por meio de cursos, oficinas e ações de proficiência linguística. Embora tenha foco principal no ensino de línguas estrangeiras, o programa também promove ações voltadas ao ensino de português para estrangeiros, contribuindo para a inclusão linguística de alunos internacionais. Já o PROINT atua de maneira mais ampla, apoiando a mobilidade acadêmica, parcerias institucionais e projetos de cooperação internacional. Ambos os programas, ao investirem na formação linguística e na integração institucional, colaboram para reduzir barreiras comunicativas e ampliar as oportunidades de sucesso acadêmico e social para estudantes estrangeiros nas universidades brasileiras.

A exigência do CELPE-BRAS, para alunos que passaram pelo PEC-PLE, como critério de ingresso traz vantagens, pois garante um nível mínimo de proficiência em português para os estudantes internacionais. No entanto, é preciso considerar se somente o curso preparatório será suficiente para suprir todas as demandas linguísticas e acadêmicas desses alunos ao longo da graduação. Ou seja, deve-se levar em conta a necessidade de ações complementares ao PEC-PLE para garantir que os estudantes estrangeiros tenham um suporte linguístico contínuo durante todo o curso universitário. A experiência de outros países mostra que programas eficazes de ensino de línguas para estrangeiros combinam cursos preparatórios com acompanhamento pedagógico ao longo da formação acadêmica. Dessa forma, a UFU e outras universidades brasileiras precisam ampliar suas iniciativas, oferecendo cursos regulares de PLE, mentorias acadêmicas e materiais didáticos voltados para a adaptação dos alunos internacionais ao ambiente universitário.

A implementação de novas políticas de internacionalização pode representar um avanço no ensino superior no Brasil, desde que venha acompanhada de medidas que garantam sua efetividade a longo prazo. A construção de políticas institucionais mais abrangentes, que considerem tanto a exigência de certificação quanto a oferta de suporte contínuo aos estudantes estrangeiros, é essencial para que a língua portuguesa deixe de ser uma barreira e passe a ser um elemento facilitador da experiência acadêmica e social desses alunos. Observa-se, por exemplo, que na UFU, a política de internacionalização tem valorizado de forma mais expressiva o envio de estudantes brasileiros ao exterior — como ocorre em cursos da área de engenharia — do que o acolhimento de estudantes estrangeiros. A chegada de internacionalistas, muitas vezes oriundos de países da América do Sul ou do continente africano, nem sempre recebe o mesmo destaque institucional, o que evidencia a necessidade de um equilíbrio maior entre as duas direções desse processo.

3. Aprendizagem de PLE (Português Língua Estrangeira) vs. PLM (Português Língua Materna) : Desafios Metodológicos e a Necessidade de Abordagens Diferenciadas

O ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) demanda metodologias radicalmente distintas daquelas aplicadas ao Português como Língua Materna (PLM). Enquanto o ensino de PLM pressupõe uma competência linguística prévia consolidada na socialização primária, o PLE exige a construção dessa competência a partir do zero, em um contexto de imersão cultural e afetiva. Como aponta Almeida Filho (2005, p. 10), “ensinar língua estrangeira é facilitar a aquisição de uma língua familiar situada em uso no derredor, e que embora não dominada, serve logo para a comunicação em algumas esferas da vida”. Essa distinção implica desafios pedagógicos que transcendem a transmissão de regras gramaticais, exigindo atenção a aspectos interculturais, cognitivos e emocionais dos aprendizes.

O ensino de PLM tradicionalmente prioriza a gramática normativa e a produção escrita, pressupondo familiaridade com variações linguísticas e culturais. Em contraste, o PLE requer ênfase na comunicação funcional e contextualização situacional. Para Maria de Lourdes Meirelles Matencio (2001, p. 68), “o ensino de língua portuguesa inovador, com o foco na leitura e produção de textos, foi muito criticado por focar os princípios de não existir variante linguística melhor que a outra”⁴. Em muitos cursos de PLE, por exemplo, a ausência de reconhecimento dessas diferenças levou a práticas inadequadas, como o uso de materiais didáticos de PLM para estudantes estrangeiros. A experiência da professora Marília Carvalho Batista, descrita no artigo *Especificidades do Ensino de PLE*⁵, ilustra esse problema: ao replicar métodos de PLM em turmas de PLE, as aulas tornaram-se improdutivas, evidenciando a necessidade de formação docente específica.

Professores treinados em PLM carecem de repertório para lidar com estratégias de mediação intercultural, conforme relatado por docentes do Pronatec em São Paulo: “o ensino de português como língua de acolhimento demanda ainda requisito importante, qual seja, uma formação particular que deve ser prevista por políticas públicas” (CESTARI; GRILLO, 2016 p.22). Além disso, a dependência de materiais genéricos de PLE, sem adaptação ao contexto acadêmico — como vocabulário técnico de Engenharia ou Medicina —, limita a aplicabilidade do conteúdo.

Nesse viés, deve-se ressaltar que algumas iniciativas, como as aulas oferecidas por professores em Formação na disciplina Estágio Supervisionado de Português como Língua Estrangeira⁶, foram e, ainda representam a maior oferta de aulas de português para esse público, uma vez que todos os professores em formação cursam uma disciplina metodológica para depois realizar o estágio. Os estudantes dessa disciplina recebem uma formação teórica e didática para ministrar aulas de PLE com a

⁴ Apud: Marília Carvalho Batista, Yeris Gerardo Láscar Alarcón. Especificidade do Ensino de PLE. Revista SIPLE-2015

⁵ Marília Carvalho Batista – Professora universitária de língua portuguesa e linguística DF e Yeris Gerardo Láscar Alarcón – Professor universitário de língua portuguesa e espanhola DF. ISSN 2316689 -Revista SIPLE - 2015

⁶ Disciplina obrigatória na grade curricular do Curso de Graduação em Letras: Francês e Literaturas de Língua Francesa. ILEEL-UFU.

orientação e supervisão de professores do curso, especialistas nessa área. Contudo, como a disciplina é oferecida apenas em semestres ímpares, fica uma lacuna de cursos de PLE que precisa ser preenchida. Além disso, a quantidade de professores em formação não é tão numerosa a ponto do oferecimento de diversas turmas de Língua Portuguesa.

Sendo assim, a implementação do PEC-PLE, que seleciona professores e bolsistas com formação específica na área de PLE, pode representar uma nova forma de oferta de cursos para o público em mobilidade internacional, e com qualidade, uma vez que prioriza uma abordagem comunicativa, simulando situações reais — como matrícula universitária e debates em sala — para desenvolver habilidades práticas.

Ademais, a experiência do curso de português para imigrantes oferece *insights* valiosos. Em turmas com alunos haitianos, por exemplo, o uso do francês como ponte facilitou a aquisição do português, contrariando a rigidez da imersão total. Como relatam Cestari e Grillo (2016 p.26), “a aproximação das palavras em francês com o português despertava interesse e raciocínio, sendo possível assim que compreendessem diferentes fenômenos e usos da língua”. Essa flexibilidade metodológica reforça a necessidade de currículos que integrem discussões sobre direitos trabalhistas, discriminação racial e pluralidade cultural, alinhando língua e cidadania.

Para que cursos de PLE possam ter um alcance efetivo, a UFU precisa romper com modelos tradicionais. A reformulação dos cursos de Letras, com inclusão de disciplinas obrigatórias de PLE (para as outras habilitações) pode ser um caminho de formação para novos profissionais nessa área. As parcerias com institutos de línguas para acesso a materiais contextualizados também pode ser um diferencial. Como alerta Almeida Filho (2005 p.29), “a formação do professor de L1 não pode ser a mesma para se trabalhar com LE e L2⁷”. Programas de mentoria, com alunos de Letras atuando como tutores, também podem oferecer suporte linguístico personalizado, garantindo que haja um desenvolvimento linguístico mais adequado e um passo maior para a integração acadêmica.

Em síntese, a distinção entre PLE e PLM não é meramente técnica, mas ética e política. Enquanto o ensino de PLM reforça identidades culturais já estabelecidas, o PLE deve ser um instrumento de inclusão, capaz de transformar a língua em ferramenta de pertencimento. Como concluem Cestari e Grillo (2016 p.27), “o ensino do português brasileiro aos imigrantes como política do governo brasileiro deve ser acompanhado da afirmação da diversidade linguística no Brasil”. O sucesso de propostas que incluam cursos sequenciais de PLE na universidade dependerá, assim, de sua capacidade de adotar práticas pedagógicas que reconheçam a complexidade da aquisição linguística em contextos interculturais, garantindo que a língua portuguesa seja um vetor de acolhimento, não de exclusão.

⁷ L1 refere-se à língua materna ou primeira língua adquirida por um indivíduo. Já L2 é a segunda língua aprendida, geralmente em um contexto em que essa língua é socialmente presente, podendo ou não ser estrangeira ao país de origem do falante.

4. Análise de Dados do questionário: Desafios Linguísticos e Integração Acadêmica na UFU

1. Perfil dos Estudantes Internacionais (2024-2025)

A amostra é composta por estudantes oriundos exclusivamente de países francófonos (Haiti, Congo e Burkina Faso), todos falantes de línguas não-portuguesas, o que evidencia um desafio específico no processo de imersão linguística e cultural. A maioria está matriculada em cursos relacionados ao ensino de línguas (principalmente Letras), enquanto cursos técnicos como Medicina ou Engenharia não aparecem entre os respondentes, embora estes frequentemente demandem vocabulário mais complexo e específico.

Cerca de 33,3% dos estudantes estão no Brasil há menos de dois meses, o que reforça a necessidade de programas de acolhimento imediato e intensivo como o PEC-PLE.

2. Dificuldades Linguísticas Identificadas

As barreiras linguísticas mais mencionadas foram:

- Produção textual acadêmica (33,3%): estudantes relatam dificuldade na escrita de textos dissertativos, especialmente por não dominarem os gêneros acadêmicos exigidos.
- Compreensão oral (33,3%): o sotaque brasileiro e as expressões regionais dificultam a compreensão em sala de aula.
- Autoavaliação de proficiência: embora 66,6% afirmem ter nível intermediário ou avançado em português, todos indicam enfrentar dificuldades práticas, o que mostra uma discrepância entre percepção e desempenho.

3. Avaliação do Suporte Institucional

Os cursos de PLE da UFU receberam avaliações mistas: 66,6% os consideram bons ou excelentes, enquanto 33,3% os classificaram como regulares ou ruins, apontando inconsistências na qualidade pedagógica e falta de padronização.

Entre as sugestões feitas, destacam-se:

- Grupos de prática com brasileiros;
- Aulas voltadas ao vocabulário técnico e situações acadêmicas reais, como matrículas, apresentações e seminários.

4. Integração Acadêmica e Cultural

Em termos de socialização, 66,6% relatam boa ou excelente integração, mas 33,3% relatam dificuldades, ligadas principalmente à comunicação oral. Todos os estudantes defenderam a obrigatoriedade do exame CELPE-BRAS como critério de ingresso, reforçando o valor da preparação linguística formal.

5. Percepção dos Professores de PLE

Os docentes destacaram:

- Heterogeneidade das turmas, dificultando o nivelamento.
- Falta de certificação prévia de português, comprometendo o andamento das aulas.
- Carência de materiais didáticos adaptados às áreas específicas (ex.: vocabulário técnico de Medicina ou Engenharia).

Como a implementação do PEC-PLE é recente, 66,6% dos professores avaliam os cursos como insuficientes para as necessidades atuais.

6. Posição da Diretoria de Relações Internacionais (DRI)

A DRI confirma que o CELPE-BRAS é exigido apenas para estudantes do PEC-G, mas não é uma exigência universal. Reconhece a oferta limitada de cursos de português, tanto em quantidade quanto em diversidade de formatos (níveis, online/presencial).

Entre as medidas sugeridas estão:

- Cursos de português on-line antes da chegada ao Brasil;
- Eventos culturais e linguísticos para imersão prática;
- Oferta contínua de cursos em diferentes níveis (A1 a C1).

Percebemos que a ausência de um plano concreto com cronograma e financiamento específico ainda é um entrave para avanços estruturais.

Os dados coletados revelam um cenário claro: a ausência de políticas consolidadas de certificação e suporte contínuo em língua portuguesa compromete a integração plena de estudantes internacionais na UFU. Tanto alunos quanto professores apontam o domínio da língua como condição essencial para o sucesso acadêmico e social, e a exigência do CELPE-BRAS aparece como um consenso estratégico.

Contudo, a análise mostra que a simples obrigatoriedade da certificação não é suficiente. É urgente a criação de um sistema integrado e sequencial de ensino de PLE, com materiais contextualizados, turmas niveladas, apoio pedagógico contínuo e ações institucionais de acolhimento linguístico e cultural. O PEC-PLE é um passo importante, mas sua eficácia dependerá da articulação com outras políticas educacionais de longo prazo.

5. Resultados

Quadro Comparativo: Percepções sobre Desafios Linguísticos e Integração Acadêmica na UFU

Tópico	Estudantes Internacionais	Professores de PLE	Diretoria de Relações Internacionais (DRI)
Perfil	Todos oriundos de países francófonos. Maioria em cursos de Letras.	Experiência de 1 a 13 anos. Atuam no PEC-PLE e estágio supervisionado.	Atua em parceria com o ILEEL. Oferece cursos de PLE pontuais.
Dificuldades Linguísticas	- Escrita acadêmica (33%) - Sotaque e compreensão oral (33%) - Vocabulário técnico	- Comunicação oral - Escrita formal e normas científicas - Gírias e regionalismos	- Estudantes chegam sem proficiência - Dificuldade com linguagem administrativa
Autoavaliação de Proficiência	66,6% se consideram intermediários/avançados, mas 100% relatam dificuldades práticas	Apontam discrepância entre autoavaliação dos alunos e o desempenho real	Reconhece falta de nivelamento prévio
Avaliação dos Cursos de PLE	66,6% avaliaram como bons/excelentes 33,3% apontam problemas de qualidade e continuidade	66,6% consideram os cursos insuficientes Falta de sequência e materiais específicos	Reconhece oferta limitada e falta de níveis (A1–C1)
Sugestões de Melhoria	- Grupos com estudantes brasileiros - Aulas contextualizadas (debates, vocabulário técnico)	- Cursos sequenciados (A1–C1) - Imersão prática - Materiais por área (ex.: Medicina)	- Cursos online antes da chegada - Eventos culturais e linguísticos
Integração Acadêmica e Social	66,6% relatam boa ou excelente integração 33,3% apontam dificuldades de socialização	Ressaltam a importância do português para integração em eventos, aulas e vida social	Confirma dificuldades em aulas e nas tarefas administrativas sem domínio do idioma
Certificação (Celpe-Bras)	100% apoiam a exigência como pré-requisito para ingresso	Apoio unânime à exigência para equiparação com padrões internacionais	Pretende implementar exigência universal, mas sem cronograma definido

6. Considerações Finais

Neste trabalho, buscou-se compreender de forma crítica os impactos da ausência de políticas linguísticas consolidadas nas universidades brasileiras, especialmente no que diz respeito à exigência de certificação em língua portuguesa para estudantes internacionais. Com foco na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), investigou-se como a falta dessa exigência influencia negativamente o desempenho acadêmico e a integração sociocultural de alunos em mobilidade internacional. A pesquisa, de natureza qualitativa e mista, combinou revisão bibliográfica, análise documental e aplicação de questionários e entrevistas com discentes, docentes e representantes institucionais, permitindo uma visão ampla e embasada do fenômeno.

Aprofundando a análise, constatou-se que a proficiência linguística é um dos principais pilares da integração acadêmica. Não se trata apenas de entender conteúdos disciplinares, mas de transitar com segurança em todos os espaços da vida universitária — das interações em sala de aula à construção de vínculos sociais, da produção de textos científicos à autonomia em processos administrativos. A língua, portanto, ultrapassa sua dimensão instrumental e passa a exercer um papel simbólico e político: ela é meio de inclusão, pertencimento e sucesso.

A partir da adesão da UFU ao PEC-PLE em 2024/2025, observam-se avanços importantes, como a introdução de um curso preparatório gratuito de 640 horas e a exigência do Celpe-Bras como critério de ingresso na graduação. Essa política busca garantir um nível mínimo de proficiência antes do início dos estudos, alinhando-se às práticas de universidades estrangeiras que já adotam essa exigência há décadas. A análise dos dados reforça que essa medida é bem-vinda por professores e estudantes, pois tende a reduzir desigualdades de base e a facilitar a adaptação inicial.

Contudo, este estudo ressalta que a exigência do Celpe-Bras, embora necessária, deve ser acompanhada de políticas institucionais complementares que garantam equidade de acesso e permanência. Para que a certificação funcione como um instrumento de inclusão e não de exclusão, é fundamental que as universidades brasileiras ofereçam suporte linguístico contínuo, programas preparatórios acessíveis e iniciativas de acolhimento intercultural. Dessa forma, evita-se que estudantes oriundos de países onde o ensino do português é limitado — como diversas nações da África francófona — sejam desestimulados a participar de programas de mobilidade acadêmica. A certificação, portanto, deve ser parte de uma estratégia mais ampla de internacionalização inclusiva.

Além disso, é preciso reconhecer que as políticas de internacionalização adotadas por muitas instituições brasileiras, incluindo a UFU, tendem a valorizar mais expressivamente a mobilidade de saída — ou seja, o envio de estudantes brasileiros para o exterior — do que a mobilidade de entrada. Cursos como os de engenharia frequentemente são contemplados com programas que facilitam intercâmbios internacionais, enquanto estudantes estrangeiros que chegam, especialmente vindos da América do Sul e de países

africanos, nem sempre recebem o mesmo nível de atenção ou suporte institucional. Essa valorização desigual revela uma visão ainda assimétrica da internacionalização, que pode reforçar hierarquias linguísticas e culturais já existentes no espaço acadêmico. Portanto, é fundamental que as políticas de acolhimento e permanência considerem as especificidades desses estudantes, garantindo que todos sejam igualmente reconhecidos como agentes legítimos da internacionalização universitária.

Assim, é preciso pensar o ensino de português para estrangeiros dentro de um planejamento mais amplo, que considere:

- A oferta contínua de cursos de PLE nos diferentes níveis (A1 a C1), com foco comunicativo e contextualizado;
- A formação específica de professores para lidar com a diversidade linguística e cultural dos alunos;
- A produção de materiais didáticos voltados para as realidades acadêmicas de cada área do conhecimento;
- A criação de espaços de imersão, trocas culturais e mentorias acadêmicas;
- E sobretudo, uma política de acolhimento que ultrapasse o aspecto linguístico e dialogue com dimensões afetivas, sociais e administrativas.

Por fim, reafirma-se que a língua portuguesa, no contexto da mobilidade acadêmica internacional, não deve ser um obstáculo, mas sim uma ponte. Um elemento de encontro entre culturas, de construção de trajetórias e de formação cidadã. O ensino do português como língua estrangeira precisa, portanto, deixar de ser periférico nas políticas institucionais e assumir o lugar central que lhe cabe: o de condição para a equidade, a inclusão e a excelência no ensino superior brasileiro.

7. Referências

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Fundamentos de abordagem e formação no ensino de PLE e de outras línguas*. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. *O português como língua não-materna: concepções e contextos de ensino*. Brasília: MEC/SECAD, 2005.
- BATISTA, Marília Carvalho; ALARCÓN, Yeris Gerardo Láscar. Especificidades do ensino de PLE. In: SIPLE – Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira. *Anais do Congresso da SIPLE*, Campinas: Mercado de Letras, 2015.
- BERRY, J. W. Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology*, v. 46, n. 1, p. 5–34, 1997.
- CESTARI, M. J.; GRILLO, L. O ensino de língua portuguesa para imigrantes e refugiados como política pública. *Revista SIPLE*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 1–15, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/73262136>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- JÚDICE, N. *O ensino da língua e da cultura do Brasil para estrangeiros: pesquisas e ações*. Niterói: Intertexto, 2005.
- KNIGHT, J. Internationalization of higher education: A conceptual framework. In: DE WIT, H.; HUNTER, F.; HOWARD, L.; EGRON-POLAK, E. (Eds.). *Internationalization of higher education*. Brussels: European Parliament, 2015. p. 1–14.
- SILVA JÚNIOR, A. F.; POLLI, M. C. B.; VIEIRA, M. E. (Orgs.). *Leituras de Almeida Filho: ensino de línguas e formação docente*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.
- SPOLSKY, B. *Language policy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves; JÚDICE, Norimar. *Tópicos em português como língua estrangeira*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/16.htm>. Acesso em: 17 abr. 2025.
- VANOYE, F. *Usos da linguagem: problemas e técnicas da produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- VIANA, N. Planejamento de cursos de línguas: pressupostos e percurso. In: ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. (Org.). *Parâmetros atuais para o ensino de português língua estrangeira*. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- ZARATE, G. *Représentations de l'étranger et didactique des langues*. Paris: Didier, 1995.

Anexos



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: FRANCÊS E LITERATURAS DE
LÍNGUA FRANCESA



ANEXO 2

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Aline Ferreira Lima , declaro para todos os efeitos que o Trabalho de Conclusão de Curso instituição em Letras intitulado: **Desafios linguísticos e integração acadêmica no desempenho de estudantes em mobilidade internacional na Universidade Federal de Uberlândia**, foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores.

Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro Curso e/ou Universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Uberlândia, 07 de maio de 2025.

Documento assinado digitalmente

ALINE FERREIRA LIMA
Data: 14/05/2025 18:56:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do(a) aluno(a) _____

Os questionários a seguir foram utilizados como instrumentos de coleta de dados para a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulada **“Desafios linguísticos e integração acadêmica no desempenho de estudantes em mobilidade internacional na Universidade Federal de Uberlândia”**.

O estudo busca compreender os impactos da ausência de certificação formal em língua portuguesa no desempenho acadêmico e na integração cultural de estudantes estrangeiros em universidades brasileiras, com foco na UFU. Os dados obtidos por meio destes questionários, aplicados a estudantes internacionais, professores e gestores institucionais, integram a análise empírica da pesquisa e contribuem para refletir sobre a eficácia de programas como o PEC-PLE e a importância de políticas linguísticas estruturadas para o acolhimento e permanência de discentes em mobilidade acadêmica internacional.

Questionário - Estudantes de Mobilidade Internacional

B I U ↲ ✖

Este questionário tem como objetivo compreender as experiências de estudantes internacionais na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), especialmente em relação ao domínio da língua portuguesa e sua adaptação acadêmica e cultural. Suas respostas serão anônimas e utilizadas apenas para fins acadêmicos. Agradecemos sua colaboração!

Qual é a sua nacionalidade?

3 respostas

Congolêns

Haitiana

Burkinabe

Qual é o seu curso?

3 respostas

Português

Letras Espanhol

Aprendendo a língua portuguesa

Há quanto tempo está no Brasil?

3 respostas

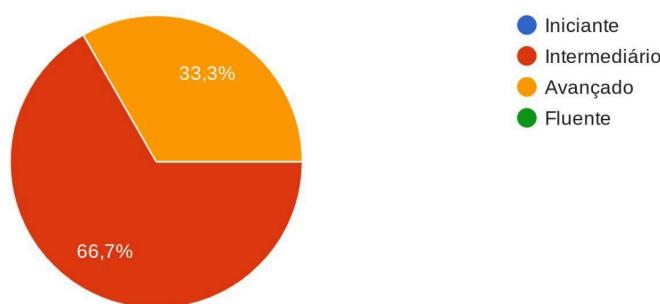
3

11 anos

Quase dois meses

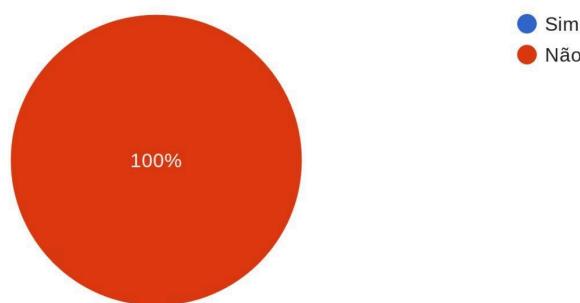
Qual seu nível de proficiência em língua portuguesa?

3 respostas



Para estudar na UFU foi necessário apresentar algum certificado de proficiência em língua portuguesa?

3 respostas



Descreva de forma breve. Quais foram as principais dificuldades linguísticas que você enfrentou ao chegar na UFU?

3 respostas

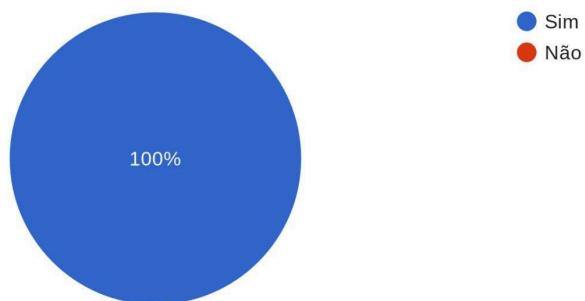
Acento

Discursiva e Dissertativa

Eu diria que tudo está indo bem. O treinamento é de boa qualidade. Eu diria que tudo está indo bem. O treinamento é de boa qualidade.

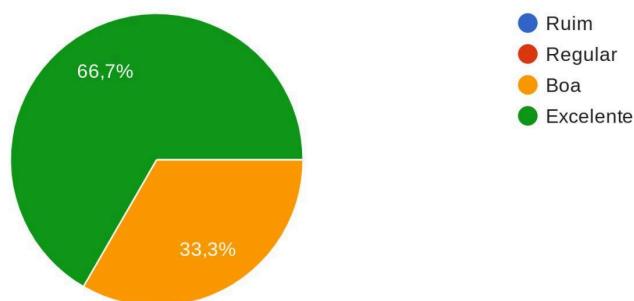
Você participou de algum curso de língua portuguesa oferecido pela UFU?

3 respostas



Se sim, como você avalia a qualidade do curso?

3 respostas



O domínio da língua portuguesa afetou seu desempenho acadêmico?

Se sim, de que forma?

Se não, o que poderia ter sido feito para melhorar?

3 respostas

Integração social para permitir a prática do idioma todos os dias

Na interação com os professores e alunos.

O que você está fazendo já é bom.

Descreva de forma breve como você avalia sua integração com colegas brasileiros e outros estudantes internacionais?

3 respostas

Mais ou menos bom poderia ser melhor

Excelente, pois essa integração me permitiu conhecer novas culturas.

A integração é fácil aqui. Desde o início dos meus cursos, tive fácil acesso à RU. Os alunos também são amigáveis e abertos.

O domínio da língua portuguesa facilitou sua integração social e cultural?

Se não, quais foram os principais obstáculos?

3 respostas

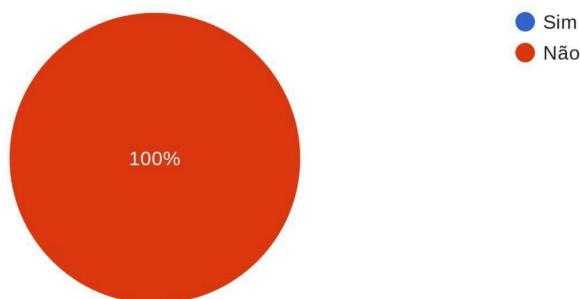
Ainda estou aprendendo o idioma, então não posso responder muito

Sim.

Sim, isso também facilita. Porque consigo me comunicar um pouco com as pessoas. Eu as entendo também.

Na sua opinião, a UFU deveria exigir um certificado de proficiência em língua portuguesa para estudantes internacionais que estão chegando à universidade?

3 respostas



Que tipo de suporte linguístico você acredita que seria mais útil para estudantes internacionais?

3 respostas

Um grupo de prática linguística organizado pela universidade e organizado por estudantes brasileiros e estudantes internacionais

Aulas de português.

A mentoria que você organizou é boa, mas se fosse possível organizar um encontro entre o mentor e o aluno e eles pudessem conversar por uma hora por dia, isso ajudaria mais. A mentoria que você organizou é boa, mas se fosse possível organizar um encontro entre o mentor e o aluno e eles pudessem conversar por uma hora por dia, isso ajudaria mais.

Questionário DRI

B I U ↗ ✖

Este questionário busca compreender o papel da Diretoria de Relações Internacionais no apoio a estudantes internacionais, especialmente em relação ao domínio da língua portuguesa. Suas respostas serão confidenciais e utilizadas apenas para fins acadêmicos. Agradecemos sua colaboração!

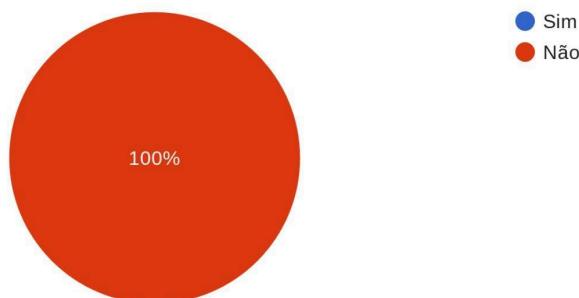
Pergunta Cargo/função na Diretoria de R.I

1 resposta

Secretaria

A UFU exige algum comprovante de proficiência em língua portuguesa para a admissão de estudantes internacionais? (Graduação, Mestrado, Doutorado)

1 resposta



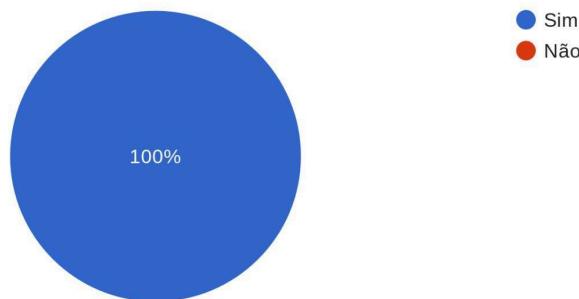
Se não, há planos para implementar essa exigência no futuro?

1 resposta

Sim, na medida em que conseguirmos, cada vez mais ofertar, cursos de língua portuguesa para que o estudante tenha condições de ser aprovado no testes de proficiência em língua portuguesa, no caso o CELPE-Bras. Contudo, acrescentamos que aos estudantes do PEC-G é exigido a apresentação do certificado PLE.

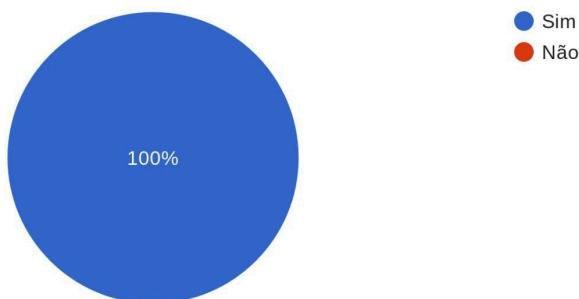
Na sua opinião, a UFU deveria exigir um certificado de proficiência em língua portuguesa para estudantes internacionais?

1 resposta



A UFU oferece cursos de língua portuguesa para estudantes internacionais?

1 resposta



Se sim, como você avalia a eficácia desses cursos?

1 resposta

Avalio positivamente. Contudo, acredito que deveríamos ter mais ofertas de cursos, online e presenciais, e para todos os níveis. Além disso, deveríamos melhorar na publicidade destes cursos, de modo a torná-los mais atrativos para o público internacional.

Há alguma parceria com outros setores da universidade para oferecer suporte linguístico?

1 resposta

Com o Instituto de Letras e Linguística (ILLEL).

Quais são os principais desafios enfrentados pelos estudantes internacionais em relação ao domínio do português?

1 resposta

A maioria chega à universidade sem saber o básico do idioma.

Na sua experiência, como a falta de proficiência em português afeta a adaptação acadêmica e social dos estudantes internacionais?

1 resposta

Dificulta 1) a integração na instituição; 2) o acompanhamento das atividades acadêmicas; 3) o acesso aos serviços básicos, tais como: regularização de visto junto à Polícia Federal, ida ao banco, aluguel da moradia, e etc. Muitas vezes, o estudante depende da ajuda de outras pessoas, para a função de tradutores.

Quais medidas poderiam ser adotadas para melhorar o suporte linguístico oferecido pela UFU?

1 resposta

Oferta de cursos online antes da chegada do estudante internacional; mais oferta de cursos presenciais, logo na chegada do estudante. Cursos de PLE ofertados em todos os níveis: básico, intermediário e avançado. Eventos culturais e linguísticos promovidos para os estudantes internacionais.

Questionário - Professores de Português Língua Estrangeira (PLE)

B I U ↲ ✖

Este questionário tem como objetivo compreender a perspectiva dos professores de Português Língua Estrangeira (PLE) sobre o suporte linguístico oferecido a estudantes internacionais na UFU. Suas respostas serão anônimas e utilizadas apenas para fins acadêmicos. Agradecemos sua colaboração!

Atua como PLE no estágio ou como professor permanente? Há quanto tempo?

3 respostas

Atuei como PLE no estágio e também sou professora de PLE no trabalho há 2 anos.

Sim, há 13 anos atuo como professora permanente na área do PLE.

Como estagiário

Com quantas turmas costuma trabalhar por semestre?

3 respostas

No trabalho, não dou aula para turmas e sim para alunos individuais.

Varia muito de semestre a semestre. Em geral, de 3 a 5 turmas.

Uma turma

Como você avalia a estrutura atual dos cursos de PLE oferecidos pela UFU?

3 respostas

Os cursos são uma excelente oportunidade, pois permitem a oferta de diferentes modalidades e abordagens para o ensino de português como língua estrangeira. No entanto, um dos principais desafios é a falta de tempo no semestre e na nossa vida pessoal, já que a graduação é noturna, para realizá-los de forma contínua, o que pode comprometer a qualidade da formação.

Atualmente, iniciamos neste semestre o programa Pec-PLE, financiado pelo governo brasileiro, trazendo maior estrutura à área, mas ainda sem resultados efetivos, pois acabamos de colocar em prática o programa. Estamos à mercê de cursos isolados de PLE para estudantes em mobilidade internacional sem que haja uma continuidade nos mesmos. Os cursos são oferecidos pelos alunos do cursos de Letras-francês através da disciplina obrigatória do 6º período "Estágio Supervisionado de PLE" e também pelo programa IsF-PLE, através de cursos específicos de língua portuguesa.

Tive todo apoio do professor coordenador. O material tecnologique foi por nossa responsabilidade.

Quais são os principais desafios enfrentados no ensino de PLE para estudantes internacionais?

3 respostas

As turmas são bastante heterogêneas, o que impacta diretamente no ritmo de aprendizado. Os alunos que não têm conhecimento prévio de línguas neolatinas enfrentam maiores dificuldades na assimilação do conteúdo, o que pode gerar um descompasso no progresso da turma. Além disso, o grande número de alunos por classe dificulta um acompanhamento mais individualizado, limitando o avanço no aprendizado. Outro fator relevante é a ausência da exigência de um certificado de proficiência básica, o que poderia garantir um nível mínimo de conhecimento entre os estudantes e, consequentemente, favorecer um desenvolvimento mais estruturado do curso.

Falta de apoio da instituição (não há engajamento na área); falta de comprometimento por parte dos professores (em geral, fica tudo em cima de dois professores estar a cargo das responsabilidades); falta de projetos que envolvam a comunidade acadêmica; falta de bolsas com valores compatíveis com a realidade brasileira.

O idioma para se comunicar. As vezes é preciso falar o inglês ou francês ou espanhol.

Como você descreveria o nível de proficiência em português dos estudantes internacionais ao ingressarem nos cursos de PLE?

3 respostas

Muitos alunos ingressam na universidade sem nenhum conhecimento prévio de português, o que impacta significativamente a dinâmica e a produtividade das aulas. A necessidade de trabalhar desde os conceitos mais básicos pode tornar o progresso mais lento, especialmente em turmas numerosas e com diferentes níveis de proficiência. Além disso, a ausência de um nível mínimo de conhecimento prévio pode dificultar a participação dos alunos em atividades acadêmicas e na integração ao ambiente universitário.

Nível A1. Normalmente chegam sem saber nada da língua portuguesa.

Depende de cada aluno, visto que não há nivelamento. Alguns já tem um vocabulário básico, outros não.

Quais são as principais dificuldades linguísticas apresentadas pelos estudantes?

3 respostas

Acredito que a maior dificuldade de alguns é a fonética.

Comunicação oral, num primeiro momento. Dificuldade de se comunicar com os colegas e com os professores dos respectivos cursos na UFU. Depois, num segundo momento, dificuldade de escrita de textos acadêmicos.

A forma coloquial que falamos e as expressões da nossa região. É preciso explicar as diferenças linguística coloquial e as gírias de cada estado.

Na sua experiência, como o domínio do português afeta o desempenho acadêmico e a integração cultural dos estudantes internacionais?

3 respostas

Sem o português eles têm muita dificuldade em se adaptar a cultura e fazer amigos. Mas não sei quanto ao desempenho acadêmico, porque muitos tem suas aulas ministradas em inglês.

Se os estudantes em mobilidade internacional aprendem a língua portuguesa, conseguem se abrir ao novo e trabalhar possíveis conflitos culturais e estereótipos de representação cultural; passam a interagir com outros estudantes; participam da vida acadêmica e cultural brasileira; facilita o convívio cotidiano; auxilia na escrita de textos acadêmicos e na compreensão da própria cultura da Universidade brasileira.

A falta do domínio do português dificulta todas as ações dos estudantes não só dentro da universidade assim como fora dela. No que se refere a parte administrativa todos encontram grandes dificuldades.

Os cursos de PLE têm sido suficientes para atender às necessidades linguísticas desses estudantes?

Se não, o que poderia ser melhorado?

3 respostas

Os cursos de PLE têm sido importantes, mas, em minha opinião, não são suficientes para atender totalmente às necessidades linguísticas dos estudantes internacionais. Embora ofereçam uma base essencial para o aprendizado da língua, ainda existem lacunas que comprometem a fluidez e a profundidade do ensino. Muitos alunos ingressam na universidade sem nenhum conhecimento prévio de português, o que exige um esforço extra para aprender o básico, o que pode retardar seu progresso no curso e dificultar a participação plena nas atividades acadêmicas.

Para melhorar, seria interessante uma reformulação da grade curricular, com a inclusão de mais disciplinas específicas de PLE ao longo da graduação, proporcionando uma formação contínua e mais aprofundada. Além disso, a criação de programas de imersão linguística e cultural, como intercâmbios com alunos nativos e atividades extracurriculares em português, poderia facilitar a integração dos estudantes ao ambiente acadêmico e à cultura local, promovendo uma aprendizagem mais contextualizada e prática. O tempo também é um fator importante: oferecer mais horas de aula e melhorar o calendário acadêmico ajudaria a garantir que os alunos tivessem o tempo necessário para consolidar o aprendizado e enfrentar as exigências do curso com mais confiança.

Não. É necessário oferecer cursos de PLE sequênciados, nos níveis A1 e A2.

Não! Acredito que o curso deveria ser mais longo.

Na sua opinião, a UFU deveria exigir um certificado de proficiência em português para que estudantes internacionais ingressem na universidade?

3 respostas

Completamente.

Sim. Pelo menos nível A2.

Sim! As universidades estrangeiras exigem uma proficiência dos alunos brasileiros, não vejo motivo para que o Brasil seja diferente. Não é responsabilidade da universidade ministrar curso aos estudantes em mobilidade.

Que tipo de mudanças ou políticas você acredita que seriam benéficas para o ensino de PLE na UFU?

3 respostas

Considero os cursos extremamente necessários, pois desempenham um papel fundamental na formação dos futuros professores de português como língua estrangeira. No entanto, acredito que a grade curricular poderia ser reformulada para incluir um número maior de disciplinas voltadas especificamente para o ensino de PLE ao longo da graduação. Com isso, os estudantes chegariam ao estágio com mais segurança e domínio do conteúdo, melhor preparados para enfrentar os desafios da prática docente e lidar com a diversidade linguística e cultural dos alunos.

Fica fácil assinar convênios de colaboração entre as universidades do mundo todo, sem contudo oferecer um mínimo de organização e de oferta de cursos que atendam a demanda dos alunos. É necessário, portanto, que a UFU otimize o ensino de PLE através de maior estruturação dos cursos e valorização do trabalho dos professores, que precisam receber salário adequado às suas competências. É urgente que a UFU crie uma secretaria de cursos de PLE, para responder às demandas dos alunos. É imprescindível que a UFU busque se adequar à realidade necessidades dos alunos em mobilidade internacional.

Em primeiro lugar que a universidade ofereça aos estagiários materiais e lugares adequados para ministrar o curso. Em segundo, uma ajuda financeira, como uma bolsa, por exemplo. Mesmo que seja um estágio, os alunos devem ter um incentivo financeiro, até porque, há gastos com os materiais que é responsabilidade dos alunos.